

A PARTE DO TODO:  
CLASSIFICAÇÃO SOCIAL, TOTALIDADE E VALOR  
NAS SOCIEDADES INDÍGENAS DA AMAZÔNIA  
(I. OS SISTEMAS "DRAVIDIANOS" E SUAS VARIANTES)

Plano de Pesquisa

EDUARDO B. VIVEIROS DE CASTRO  
Pesquisador-bolsista I-C  
Proc. CNPq 300.009-82

Introdução: direções

O presente plano, ainda que inscrito no horizonte definido no anterior, visa um novo patamar de investigação, com o aprofundamento de uma das dimensões distinguidas na formulação de 1986. Trata-se agora de tomar como eixo comparativo os sistemas de parentesco das sociedades indígenas da América do Sul tropical, em particular aquelas da Amazônia brasileira. Tais sistemas serão analisados na articulação de seus diversos níveis (categorial, normativo, empírico), em suas propriedades formais e em suas incidências sociológicas. Na primeira etapa (1988-1990) serão estudados os sistemas terminológicos de tipo "dravidiano" ou de "duas seções", normalmente associados a normas de casamento "bilateral", que possuem ampla difusão na região em foco. Este trabalho de análise bibliográfica e de reflexão teórica deve resultar em um livro ou conjunto de artigos. Ele será realizado sem prejuízo da continuação de pesquisas de campo, realizadas por mim mesmo (Araweté) ou sob minha coordenação (Pakaa-Nova, Mura-Pirahã, Waimiri-Atroari, Nambiquara, Pareci, Arara, Parakanã, Kayapó), que devem incidir parcialmente sobre o tema aqui exposto.

A exploração comparativa da dimensão do parentesco nas sociedades do continente não implica ou visa o isolamento de tal ordem de fatos (mesmo que analítico). Ao contrário, ela será tomada como unidade sintética onde operam imediatamente fluxos econômicos, classificações sócio-políticas e esquemas cosmológicos. Não pressupõe, tampouco, que esta unidade sintética seja ela mesma unificante e sintetizante, isto é, que ela seja uma instância ou "código" com algum privilégio ontológico. A escolha dos fenômenos de parentesco para a comparação é sobretudo tática, derivando de considerações como: a precisão e comparabilidade dos dados; a evidência, ali, de estruturas formais que obrigam à abertura do enfoque monográfico; as ressonâncias amplas destes problemas, que permitem um diálogo direto com o corpo principal da teoria antropológica.

O estudo dos sistemas de parentesco indígenas sul-americanos não pretende, assim, tomá-los como objetos absolutos, ou como remetendo a uma ordem sui generis dotada, ademais, de valor explicativo (causal ou expressivo). Meu projeto - a intuição que se costuma chamar de "hipótese de trabalho" - segue na direção inversa. Partindo da análise das propriedades lógicas das terminologias e das "normas" de casamento, e em seguida avaliando a inflexão destes dispositivos por outros sistemas de classificação e por sua passagem "à prática" na ordenação das redes sociológicas empíricas, tentaremos demonstrar que o parentesco, na região em pauta, não é uma instância totalizadora do socius; que ele é uma dimensão englobada, subordinada, localizante e localizada. Ao determinar seu lugar preciso nas estruturas sociais indígenas, o que visamos são os limites do parentesco, sua circunscrição por ordens e processos globais, que - e esta é uma distinção crucial, a ser investigada -, ou bem se apresentam como antepostos, ou bem como emergentes a partir deste-regime eminentemente local do parentesco.

O caso do parentesco aqui, portanto, é o mesmo que já se disse ser o da filosofia ou da história: como elas, o parentesco mène à tout, à condition d'en sortir... Mais que a tudo, ele nos levaria efetivamente ao todo, mas deste modo negativo: desde que se o tome pelo exterior, por seus limites. A escolha desta dimensão como eixo comparativo se configura, então, como a contraface ou o enraizamento sociológico daquelas tentativas de comparação que partem diretamente de uma perspectiva holista ou "cosmológica", cujo manejo parece-me, hoje, ainda difícil. Uma consideração do regime localista do parentesco sul-americano permitiria, não somente dirigir uma investigação sobre as formas de totalização do socius, como problematizar, indagar sobre o estatuto efetivo da totalidade nas formas sociais do continente. A questão, em suma, é a de tentar apreender as propriedades globais destas sociedades a partir do funcionamento local dos sistemas de parentesco.

Um último ponto a esclarecer nesta posição dos rumos da pesquisa, refere-se ao deslocamento da perspectiva que privilegiou as sociedades Tupi-Guarani como foco da análise ou conjunto comparativo de referência, perspectiva que marcou os últimos oito anos de minha atividade. Continuando a trabalhar com uma sociedade desta família - os Araweté -, e a buscar definir um horizonte sócio-cosmológico de alguma forma característico dos Tupi-Guarani

decidi abrir o campo de

investigação em duas direções opostas. De um lado, penso explorar etnograficamente o sistema de parentesco e aliança Araweté, após ter descrito as linhas mestras da organização social e cosmológica deste povo (Viveiros de Castro, 1986); no plano etnográfico, portanto, estarei caminhando do global para o local. De outro lado, pretendo levar a cabo esta comparação etnológica entre diversos sistemas sociais sul-americanos a partir de fatos atinentes ao parentesco; passo aqui de um horizonte específico (os Tupi-Guarani) para um mais geral. A intenção de caracterizar uma problemática Tupi-Guarani se vê assim duplamente deslocada, em favor de questões mais gerais e menos totais. Uma outra estratégia de pesquisa, que complementa mais que nega a anterior.

#### Um pouco do contexto etnológico

Depois de décadas de proeminência, que o transformavam ao mesmo tempo em área de ponta e espinha dorsal da antropologia, o estudo do parentesco abandonou o centro mais dinâmico da disciplina. O rigor mortis da perspectiva juralista, o tecnicismo e esterilidade das polêmicas teóricas (descendência X aliança, genealogia X categoria...), o formalismo vazio de algumas tendências, a difícil aclimação de teorias supostamente gerais fora de seus solos etnográficos regionais, tudo isto desembocou em um ceticismo generalizado, por vezes calçado em autópsias devastadoras (p.ex., Kuper, 1982), e teorizado por autores como D. Schneider (1972, 1984) e R. Needham (1971) - líderes, respectivamente, das tendências cultural-relativista e analítico-nihilista deste movimento crítico. O estruturalismo de Lévi-Strauss, de sua parte - após uma influência decisiva no ambiente inglês -, deixou sua contribuição ao assunto exposta a uma maré de críticas, voltando-se para outros problemas; foi L. Dumont, com sua versão pessoal da "teoria da aliança", quem prosseguiu a empresa estruturalista no campo do parentesco, com repercussões importantes mas centradas em uma área etnográfica (a Índia).

Isto não quer dizer que os jornais profissionais tenham deixado de publicar sobre o assunto, ou que avanços localizados não se tenham produzido. Em algumas regiões etnográficas o progresso notável do conhecimento beneficiou também a teoria do parentesco - como na Nova Guiné e na América do Sul. Mas, de um modo geral, pode-se dizer que o tema do "parentesco" quase sucumbiu às pressões combinadas do historicismo, da filosofia analítica e das "teorias da prática"<sup>1</sup>. Por sua vez, a voga hermenêutica de origem americana

muito fez pelo descrédito do enfoque sociológico dominante na antropologia do parentesco, sem deixar também de, em nome do "significado", bombardear os ensaios de formalização do campo.

Este estado de coisas, do qual ainda não se saiu inteiramente, está longe de ser puramente destrutivo. Os estudos de parentesco estão hoje potencialmente libertos de numerosos arcaísmos. O criticismo histórico os alerta contra a crença na pureza de seus conceitos; o que há de válido no culturalismo, contra o pressuposto da isolabilidade de uma substância "parentesco" privilegiada e transcultural, e assim contra o biologismo e outros naturalismos; a sofisticação etnográfica e a vigilância conceitual tornam ingênuas as simplificações tipológicas à la Murdock, interditando o manejo acrítico de noções como descendência, casamento, etc.

O problema agora é o de reconstruir uma sociologia do parentesco sensível à ordem simbólica, livre da idéia de que o parentesco é uma ordem eminente, capaz de nos dar imediatamente acesso ao universal, ou de que as sociedades primitivas têm a priori nele o seu nível estratégico de descrição e o seu plano de totalização. Se reconhecemos todos que o parentesco não se confunde mais com a sociedade primitiva, ou mais ainda, que seu lugar na sociedade talvez só seja determinável a posteriori - dito de outra forma: que a atitude culturalista é uma etapa necessária ao trabalho antropológico -, devemos também reconhecer que ele pode ser uma dimensão analítico-comparativa interessante em certos contextos. Este plano de pesquisa quer justamente explorar esta questão: o que corresponde, nas sociedades indígenas da Amazônia, ao domínio coberto pela rubrica "parentesco" na antropologia? qual o lugar ocupado por este domínio na economia global destas formas sociais? em que aspectos o estudo do parentesco neste continente pode retroagir sobre o repertório conceitual da disciplina?

Os últimos anos parecem assistir a uma retomada discreta mas segura do interesse no tema, o que sugere tanto o esgotamento das perspectivas puramente "desconstrutivas" quanto a persistência de problemas ainda não resolvidos. Dentro do que poderíamos chamar de "teoria pura do parentesco", uma abordagem em particular mostra-se capaz de receber desenvolvimentos consideráveis: a teoria lévi-straussiana das estruturas de aliança. Duas publicações o atestam: o livro de Françoise Héritier (1981) sobre os sistemas "semi-complexos" de aliança, e o resumo dos cursos de Lévi-Strauss (1984) sobre a noção de "casa", que pretende dar conta das formas cognáticas de organização social.

Ambos estes trabalhos, entretanto, dão por consolidada e "fechada" a teoria dos sistemas elementares de aliança, buscando justamente estender suas hipóteses para o domínio dos sistemas "não-elementares". Ocorre que os materiais sul-americanos parecem impor uma reflexão crítica de base sobre o núcleo da teoria dos sistemas elementares, em particular sobre as estruturas de "troca restrita". Eles evocam diretamente os fatos da Índia do Sul, que vêm dando lugar a desenvolvimentos cruciais dentro da teoria da aliança (Dumont 1971, 1975, 1981). Algumas das questões ali surgidas iluminam diretamente o panorama sul-americano: dissociação dos sistemas de "duas seções" (e casamento bilateral) da exigência suposta de descendência unilinear; funcionamento ego-centrado, local, da classificação de parentesco, com a presença eventual de kindreds endogâmicos; coexistência de terminologias com prescrição simétrica e preferências matrimoniais unilaterais; presença de ideologias complexas de substância como correlato ideológico da classificação terminológica...

Nesta primeira etapa da pesquisa, o foco será justamente nos sistemas sul-americanos de tipo "dravidiano". E o objetivo teórico mais geral é o de contribuir para uma revisão crítica da teoria das estruturas elementares de parentesco. Será necessário lançar mão dos inúmeros desenvolvimentos teóricos posteriores - e eventualmente divergentes - à versão canônica desta teoria, formulada n'As Estruturas Elementares do Parentesco (Lévi-Strauss [1949] 1967). De um lado, será mister retomar o fio da discussão dos anos '60 e '70 sobre a questão da "prescrição" e da "preferência" e sobre a relação entre os níveis terminológico, normativo e empírico (Needham, Maybury-Lewis, Schneider, etc.). De outro, verificar os avanços produzidos dentro da ortodoxia lévi-straussiana (Héritier). Haverá ainda que incorporar uma perspectiva notoriamente subdesenvolvida na teoria ortodoxa: a análise formal das terminologias, cujo viés "genealogista" e "anti-aliancista" (Scheffler & Lounsbury, 1971) não deve levar ao esquecimento da fecundidade de alguns de seus métodos. E haverá por fim que dar conta dos progressos na análise dos sistemas "dravidianos" em seu locus classicus, a Índia do Sul. Aqui, merece destaque o livro de Thomas Trautmann (1981), que conjuga uma análise formal das terminologias dravidianas, estabelece a relação destas com as estruturas de casamento, e faz uma hipótese histórica geral sobre o sistema.

Por fim, vale observar que é preciso abrir a reflexão teórica, incorporando linhas de investigação fora da tradição estrita da "teoria pura" do parentesco. Os estudos sobre "gender relations",

o paradigma neo-marxista da "reprodução", a reflexão sobre a troca elaborada a partir dos materiais melanésios, a empresa "holista" da escola dumontiana recente - tudo isto deve infletir uma pesquisa que, tomando como objeto o "parentesco", pretende justamente dissolvê-lo no interior das formas globais de sociabilidade na Amazônia. Limiteme aqui a indicar os trabalhos pontuais capazes de servirem ao esforço planejado: Collier & Rosaldo 1981; Strathern 1984, 1985; Barraud et al., 1984.

Passemos ao continente.

#### Um pouco do contexto sul-americano

"A mais a-sociológica das etnologias regionais" (Taylor, 1984: 231), o americanismo tropical sempre teve um lugar menor na reflexão antropológica sobre o parentesco (como, de resto, na antropologia em geral, até Lévi-Strauss<sup>2</sup>). Não cabe aqui antecipar uma das tarefas que pretendemos levar a cabo - a história da presença dos materiais sul-americanos na teoria do parentesco -, mas algumas balizas podem ser traçadas.

Ausentes da síntese inaugural de Morgan (1871), as sociedades indígenas das terras baixas da América do Sul franqueiam o limiar teórico através de dois artigos seminais e pouco conhecidos de Kirchoff (1931, 1932); elas servirão ali para a construção de uma tipologia idêntica à célebre tipologia de classificação terminológica de Lowie - "geracional", "fusão bifurcada", etc. É ainda graças a Kirchoff que elas serão incorporadas aos arquivos de Murdock (1949), onde exemplificam, junto a numerosas outras, os tipos murdockianos de terminologia: "havaiano", "iroquês", "crow", etc. Resistentes a toda crítica, por sua duvidosa utilidade no evocar os traços formais mais gerais (e sem grande significação) das terminologias de parentesco, tais rótulos exóticos foram abundantemente aplicados também para a América tropical, onde mais atrapalham que esclarecem, visto que sempre evocam correlatos não-terminológicos ainda mais imprecisos (formas de descendência, tipos de casamento...), e por nada dizerem de substancial sobre as sociedades que possuem tais formas de classificação<sup>3</sup>.

A tradição americana de análise de terminologias de parentesco de um ponto de vista formal e tipológico (que remonta a Kroeber) tomou mais recentemente uma sociedade sul-americana como tema de

uma monografia polêmica: os Sirionó da Bolívia, estudados por Holmberg, são o pretexto de A Study in Structural Semantics, de Scheffler & Lounsbury (1971), livro que, ao intervir polemicamente no debate que a terminologia Sirionó suscitou nos anos '60 (Needham, Eyde & Postal, Shapiro), definiu a versão mais acabada da teoria e dos métodos da escola "semântico-estrutural". É interessante observar que todo o affair Sirionó, conquanto produtivo do ponto de vista da teoria do parentesco, fundou-se em dados etnográficos notavelmente escassos, e teve pouca eficácia para o entendimento dos sistemas de parentesco sul-americanos: fatos descontextualizados, especulações absurdas, ausência de senso sociológico ou desconhecimento etnográfico - há muitas lições a extrair deste episódio. Que, aliás, não deixa de evocar o único outro caso em que uma sociedade sul-americana entrou nos livros-texto de teoria do parentesco, como exemplo de uma forma aberrante de descendência: os Apinayé e sua "descendência paralela", artefato teórico criado pela etnografia de Nimuendaju, acolhido e desenvolvido por Lévi-Strauss, denunciado por Maybury-Lewis (1960) e finalmente dissolvido pela etnografia de Matta (1976).

Mais interessante, para os propósitos da pesquisa aqui esboçada, é a posição dos materiais sul-americanos na teoria lévi-straussiana do parentesco. Eles têm uma presença a um tempo discreta e fundamental n'As Estruturas Elementares do Parentesco. A experiência etnográfica do autor entre os Nambiquara é crucial para o desenvolvimento da primeira parte do livro, que define o princípio de reciprocidade e a ele remete o casamento bilateral (troca de irmãs, casamento com os primos cruzados bilaterais); os Nambiquara e os Tupi-Guarani estão na base, igualmente, das reflexões sobre o valor lógico e sociológico da afinidade (cf. tb. Lévi-Strauss, 1943); por fim, estes povos são destacados como exemplificando a forma mínima da troca matrimonial, o casamento avuncular.

Ora, depois de terem servido para estabelecer a forma verdadeiramente elementar do parentesco - o casamento dos primos -, os materiais sul-americanos são abandonados em favor da análise extensiva dos sistemas australianos, cujos sistemas de seções matrimoniais parecem se prestar melhor à construção da modalidade de "troca restrita" apenas esboçada na América do Sul<sup>4</sup>. O "método das relações" utilizado para deduzir o casamento bilateral cede o lugar à fórmula global, totalizadora, do "método das classes", as seções australianas. Estas aparecem como o tipo ideal da estrutura de troca restrita - exatamente porque se constituem em uma fórmula global. Pois o que Lévi-Strauss visa, neste momento, é a construção de estruturas de troca matrimonial capazes de funcionarem como totalizadoras, capazes

de gerarem dedutivamente a estrutura social. Tanto as seções australianas como os ciclos matrilaterais dos sistemas assimétricos são fórmulas globais, que totalizam logicamente e integram sociologicamente grupos para formarem sociedades. É justamente tal preocupação com a integração dedutiva do socius que leva o autor a definir os sistemas patrilineares (casamento com a FZD) como "primitivos", incapazes de gerar uma rede estável na diacronia de alianças entre grupos - e nisto a forma patrilinear se aproxima do casamento avuncular, ambas figuras que se afastam minimamente do incesto. A passagem de uma ênfase no "método das relações" para o "método das classes" é ainda acompanhada de uma postulação ambígua do papel indispensável de descendência unilinear no estabelecimento de estruturas elementares de aliança - e o baixo rendimento, senão a impossibilidade, de uma abordagem de várias sociedades sul-americanas em termos de grupos "échangistes" torna-os pouco indicados para a mirada do autor. De certo modo, as sociedades "cognáticas" evocadas brevemente por Lévi-Strauss neste livro estão além das estruturas elementares (1967: 121-ss); mas as sociedades sul-americanas como os Nambiquara estariam aquém destas estruturas: não reconhecendo linha privilegiada de filiação, são incapazes de aceder ao "método das classes" - e, de resto, exibem formas regressivas ou primitivas, como o casamento avuncular e o casamento patrilinear.

Foram os trabalhos de L. Dumont, e de modo geral as discussões sobre os sistemas dravidianos, que introduziram várias modificações essenciais neste paradigma. Em primeiro lugar, Dumont mostrou em detalhe o funcionamento de um sistema terminológico que efetivamente exprimia o casamento bilateral sem implicar estruturalmente a existência de regras de descendência; em segundo lugar, apontou diferenças fundamentais entre sistemas bilaterais de fórmula global (como os australianos) e aqueles de fórmula ego-centrada, local (como os dravidianos). Outros autores (Yalman, 1962) mostraram o funcionamento do casamento bilateral na ordenação de relações endogâmicas de kindreds bilaterais, chegando mesmo a sugerir a incompatibilidade lógica (o que é falso) dos sistemas dravidianos e de regras de descendência unilinear. Estas análises foram fundamentais para o desenvolvimento da reflexão americanista. Retomaremos alguns destes pontos na próxima seção.

O período moderno de reflexão sobre o parentesco na América tropical inicia-se em duas frentes, abertas no fim dos anos '60: os estudos sobre os Jê e Bororo do Brasil Central, e os estudos sobre os povos da área da Guiana. Os primeiros, por remeterem a problemas específicos, na margem da problemática "dravidiana" por onde começaremos esta pesquisa, serão deixados de lado aqui.



A monografia pioneira de Peter Rivière (1969) sobre o casamento entre os Trio (Tyrió) será talvez o primeiro trabalho extenso dedicado a um sistema de parentesco sul-americano. Ela deu origem a uma série de outras etnografias na região, e colocou algumas das balizas que ainda hoje são utilizadas. Rivière define ali a paisagem guianesa: sociedades simples, onde o grupo local concebido como unidade endogâmica é também a unidade política máxima; terminologias que tecem variações sobre um padrão básico de tipo "two-section", com expressão mais ou menos completa de aliança simétrica; inter-veniência fundamental da preferência avuncular em vários casos, com influência possível sobre as equações terminológicas; vigência de modelos terminológicos alternativos, exprimindo concepções alternativas da composição ideal do grupo local; superposição entre endogamia local e endogamia de parentela no plano ideológico, acompanhada da presença mascarada mas essencial de alianças inter-locais; ausência total de segmentações globais de tipo "classe" (metades, etc.); valor político crucial das relações de afinidade... Em outros trabalhos (1973, [1974] 1977) o autor irá propor que o padrão guianês de "duas seções" é uma proto-estrutura subjacente a todas as sociedades sul-americanas. Em 1984, Rivière publica uma síntese bibliográfica e teórica sobre o parentesco nas Guianas onde reitera e desenvolve estas idéias, esboçando ainda uma comparação entre as Guianas, os povos do Vaupés-Negro (Tukano) e os Jê-Bororo, de grande repercussão (ver Viveiros de Castro, 1987).

Em 1975, Joanna Overing Kaplan publica The Piaroa, estudo que segue na trilha do livro de 1969 de Rivière, e que será contribuição fundamental para a questão do parentesco na América tropical. A autora estabelece com precisão a feição dravidiana da terminologia e do casamento Piaroa, bem como redefine teoricamente a norma endogâmica característica da Guiana e demonstra a importância da parentela bilateral na organização social dos grupos da região. Joanna Overing irá propor comparações continentais onde o parentesco é dimensão crucial; à diferença de Rivière, entretanto, seu recorte procura as concepções globais de sociedade expressas na organização social (morfologia, terminologia, regras de casamento, correlatos mitológicos) das sociedades sul-americanas - ainda os grupos da Guiana, os Tukano e os Jê-Bororo (Overing Kaplan 1981, [1973] 1984, [1982] 1983/1984). Em 1981, Kaj Arhem encerra sua monografia sobre a estrutura social Makuna (Tukano) com um ensaio comparativo que se inspira em Rivière e Overing Kaplan, buscando as variações na expressão das dimensões de aliança e descendência nos sistemas de parentesco da América do Sul meridional. Se acrescentarmos a tentativa pioneira de Roque Laraia ([1972] 1986) para o parentesco Tupi, teremos um mapa aproximado das tentativas de comparação intra- e inter-cultural

recentes que dizem respeito ao parentesco, e em particular aos sistemas "dravidianos" e suas variações e correlatos sócio-cosmológicos. Para completá-lo, mencionem-se os trabalhos de Jean Jackson (1977, [1973] 1984, 1983) e de C. Hugh-Jones (1979) sobre povos Tukano, o debate sobre o parentesco Yanomami (Ramos & Taylor, 1975; Shapiro 1974, 1975; Ramos & Albert, [1976] 1977), e simpósios temáticos que trazem contribuições programáticas ou etnográficas importantes (Overing Kaplan, org., 1977; Kensinger, ed., 1984; Kensinger & Thomas, orgs., 1977; Colson & Heinen, eds., 1983/1984; Shapiro & Kensinger, orgs., 1985). Particularmente decisivo foi o simpósio "Social Time and Social Space in Lowland South American Societies", realizado no 42º Congresso Internacional de Americanistas (ver Overing Kaplan, org., 1977), onde foi elaborado o consenso atual dos americanistas quanto à falência dos modelos clássicos de análise da estrutura social para o caso das sociedades sul-americanas, quanto à necessidade de se repensar uma linguagem apropriada à realidade etnográfica regional e de se dissolver a instância do parentesco no interior de sistemas mais amplos de classificação social e de concepções cosmológicas globais. Uma elaboração radical desta perspectiva foi desenvolvida no simpósio do Museu Nacional sobre a "construção da pessoa" (ver Seeger, Matta & Viveiros de Castro, [1978] 1979).

Nos últimos três anos, novos trabalhos retomam e desenvolvem a análise dos sistemas de parentesco na América do Sul, seja dentro de monografias mais gerais, seja tomando-os como foco. Destaco aqui a tese de Bruce Albert (1985) sobre os Yanomami, e meu livro sobre os Araweté (Viveiros de Castro, 1986), que trazem considerações específicas mas de ambição teórica mais ampla. A obra mais exhaustiva e importante sobre os sistemas de parentesco do continente, entretanto, é a tese de Alf Hornborg (1986; a ser publicada em maio deste ano), "Dualism and hierarchy in Lowland South America". Este trabalho procede a uma comparação de praticamente todos os sistemas de parentesco conhecidos do continente, correlacionando dimensões como: terminologia de parentesco, tamanho e composição do grupo, padrões de afiliação, presença de hierarquias, normas de casamento, relações com o exterior... Seu objetivo é, partindo da hipótese de Rivière sobre o caráter básico dos sistemas de duas seções e de aliança simétrica na América tropical, chegar a especificar a rede fatorial responsável pela passagem desta forma elementar às inúmeras outras aqui existentes. A tese de Hornborg exige um exame minucioso, não só por sua abrangência, como pela natureza das hipóteses que pretende provar: há ali uma mistura de idéias novas e outras superadas, a restauração de visões tradicionais há muito abandonadas, a simplificação drástica de conjuntos etnográficos complexos, e sobretudo o "achatamento" da dimensão do parentesco dentro de tipos e categorias que é justamente preciso descartar.

Por fim, mencionem-se os projetos em curso sobre os sistemas "dravidianos" na América do Sul. No Museu Nacional, venho desde 1985 ministrando cursos de "Organização Social e Parentesco" ou de "Estrutura Social dos Grupos Tribais" (ver currículo e um programa do curso MNA 728/828 anexos a este plano), dentro da atividade de formação de uma equipe de alunos-pesquisadores em etnologia indígena. Inicialmente voltados para a formação básica, tais cursos foram se concentrando na questão das estruturas elementares de parentesco no continente, e assim me levaram à elaboração do presente plano. Quando estive no Laboratoire d'Ethnologie et de Sociologie Comparative da Université de Paris-X (Nanterre), em dezembro de 1986/janeiro de 1987 - onde tive a oportunidade de expor e discutir idéias sobre o tema -, tomei conhecimento de um esforço paralelo, que estava sendo realizado na École des Hautes Études en Sciences Sociales, por Simone Dreyfus-Gamelon e Anne-Christine Taylor (Dreyfus-Gamelon, 1987a, b; outros trabalhos destas pesquisadoras, na mesma linha: Dreyfus-Gamelon, [1976] 1977; Taylor, [1982] 1983), no quadro do seminário "Théorie de la parenté et systèmes dravidiens amériidiens". A partir daí, iniciei uma troca de informações e de idéias com este grupo, que pôde prosseguir no simpósio de dezembro de 1987, em Belém do Pará, sobre "Pesquisas recentes em etnologia e história indígena da Amazônia", de que fui um dos organizadores. Finalmente, consegui interessar os colegas do Laboratoire de Nanterre, por ocasião de minha estada ali em novembro de 1987, no presente projeto; assim, defini com Patrick Menget, especialista em etnologia da Amazônia, um projeto de colaboração sobre os sistemas de parentesco amazônicos, projeto este que procurará conjugar o estudo da "paisagem dravidiana" com o da "área Crow-Omaha", preparando assim a segunda etapa do presente plano de trabalho. A associação com o grupo de Nanterre se explica em função da maior convergência de perspectivas teóricas (a problemática da equipe da E.H.E.S.S. remete a um sociologismo mais "duro", e demasiado fiel à tradição do campo). Para este fim, pretendo obter da UFRJ e do CNPq licença e condições de afastamento do país no ano de 1989, com uma bolsa de pós-doutorado que me permita trabalhar com as bibliotecas francesas (Nanterre, Laboratoire d'Anthropologie Sociale do Collège de France, E.H.E.S.S.) e levar a cabo a colaboração com Patrick Menget<sup>5</sup>.

#### As questões

Expus acima o contexto bibliográfico em que meu plano vai operar, bem como indiquei a orientação teórica mais geral que ele segue. Passo agora a descrever, de modo sinóptico, os pontos de ataque da questão dos sistemas "dravidianos" na Amazônia, por onde minha

minha pesquisa deve começar. Eles resumem o trabalho já feito nos últimos três anos.

Partirei da hipótese de Rivière sobre o caráter elementar, proto-sulamericano, do seguinte complexo: terminologia "dravidiana", aliança simétrica, endogamia de parentela e/ou local, ausência de classes matrimoniais. Tal hipótese é importante, pois meu objetivo não é caracterizar uma região etnográfica ou um tipo de sistema de parentesco, mas encontrar determinações básicas das estruturas sociais sul-americanas a partir de um caso bem analisado. As transformações que permitirão passar do caso "simples" dravidiano para os casos complexos (os sistemas com equações oblíquas, com ou sem determinação terminológica do cônjuge) dependem da admissão de tal hipótese.

Impõe-se, de saída, a constatação de que são muito poucos os sistemas sul-americanos que coincidem com o tipo ideal terminológico "dravidiano". Este próprio tipo ideal está longe de um consenso, quanto à sua caracterização e interpretação (ver a contribuição decisiva de Trautmann, 1981). Na América do Sul, mesmo em seu lugar de eleição, a Guiana, ele conhece variações notáveis (Rivière, 1984: cap. 4). São, por exemplo, sobremodo interessantes a variabilidade terminológica nas gerações 2 e 3 (+ e -) e a presença de equações intergeracionais, às vezes explicáveis pela norma avuncular. Isto se observa dentro e fora das Guianas: Ye'cuana, Panare, Trio; Yanomami, Nambiquara, Zoró... Na verdade, raríssimos são os casos "típicos"; o dos Piaroa (Overing Kaplan, 1975) sobressai como mais dravidiano que vários sistemas da Índia do Sul. Outro desvio característico são as inflexões "havaianas", que se procura explicar por derivação histórica ou restrição contextual a partir da base dravidiana: Alto Xingu, Tapirapé, Candoshi, Pemon... Em alguns casos, traços "iroqueses" claros na geração +1 (Alto Xingu: Gregor, 1977: 277; ver ainda sua definição errada do sistema Mehinaku como "dravidiano", op.cit., p.288) complicam o panorama, se aceitarmos o consenso de Lounsbury a Dumont sobre a diferença radical entre as terminologias iroquesas e dravidianas. O paradigma dravidiano se vê assim erodido em várias direções: neutralizado nos sistemas "havaianos" ou "iroqueses", infletido por equações oblíquas que podem mesmo chegar a dar feições "Crow-Omaha" a certos sistemas (caso Sirionó?). Entre os grupos Pano, finalmente, a presença de seções terminológicas de feição "Karia" põe um outro problema de articulação com o paradigma dravidiano - se aceitarmos, mais uma vez, a visão de Dumont quanto à relação entre estes dois tipos, australiano e dravidiano.

Em termos de tipologia terminológica, portanto, o paradigma dravidiano convive desconfortavelmente com variações havaianas, iroquesas, crow-omaha, kariëra... que se tem procurado explicar dos modos os mais diversos: decréscimo populacional, regras de casamento que surgiram ou desapareceram, ideologias de substância...<sup>6</sup>

No que respeita às normas de casamento, algumas "anomalias" também se fazem notar. A prescrição terminológica bilateral pode ver-se sobredeterminada por preferências patrilineares (Machiguenga, Tukano), pela difundida preferência/prescrição avuncular, e particularmente pela distinção categorial ou normativa entre primos cruzados "reais-próximos" (proibidos ou menos preferidos) e primos "distantes-classificatórios" (preferidos), o que configura uma espécie de "havaianização" matrimonial (Kulina, Alto Xingu, Candoshi, Araweté para o casamento avuncular).

O padrão dravidiano, por fim - com todas estas variações -, encontra-se em sociedades com filiação indiferenciada (a maioria) e em outras francamente patri-orientadas (Tukano, Jívaro); em sociedades uxori-locais e viri-locais; em sociedades pequenas e "amorfas" e em outras grandes e morfologicamente complexas (ver a tentativa, a meu parecer insatisfatória, de correlacionar todas estas variáveis em Hornborg, 1986).

Algumas destas "anomalias" foram registradas e problematizadas independentemente por mim e por Dreyfus-Gamelon (1987b). A sua explicação ou redução tem se mostrado difícil, e normalmente se procuram soluções ad hoc, parceladas, quando talvez seja possível determinar-se uma mesma estrutura a priori que responda pelo conjunto de tais supostos desvios da norma dravidiana, e que permita, ademais, dar conta da relação destes sistemas com aqueles de tipo tecnicamente "semi-complexo", como os dos Jê e de alguns grupos do vale do Guaporé (Pakaa-Nova, Tupari).

Passo agora a destacar e analisar algumas destas características peculiares dos sistemas "dravidianos" da Amazônia.

(1) A distinção, terminológica e/ou normativa entre parentes "próximos-reais" e parentes "distantes-classificatórios" parece-me de valor estratégico. Além de poder corresponder, em algumas sociedades, a uma atitude cognitiva mais geral, que favorece a classificação de todos os fenômenos por gradientes (caso do Alto Xingu - Viveiros de Castro, 1978), tal distinção introduz uma dimensão genealógica e/ou geográfica que foge um tanto do tipo terminológico ideal "dravidiano", e sua extrema difusão no continente convida a uma reflexão crítica sobre as lições da escola "prescritivo-categorial".

Parece-me claro que as terminologias sul-americanas devem ser interpretadas como possuindo significados ou usos tanto categoriais quanto genealógicos - e que, portanto, a querela "genealogia X categoria" é estéril aqui -, entendendo-se ainda que a noção de distância genealógica tende a coincidir, ideologicamente, com a de distância geográfico-social, abrindo-se à manipulação política de um modo muito mais "performativo" que "prescritivo" (Sahlins, 1985).

Particularmente interessante é a superposição, em alguns sistemas, do gradiente "próximo (real)-distante (classificatório)" ao contraste binário "consanguíneo/afim". Como se mostrou para os grupos da Guiana (Yanomami, Piaroa), o "próximo" está para o "distante" como o "consanguíneo" para o "afim", correlação que, de um ponto de vista processual, se traduz: um afim "próximo" (i.e. real, efetivo) é um "consanguíneo", ao passo que um consanguíneo distante, classificatório, é um afim potencial. Isto deriva, no caso da Guiana, de uma concepção endogâmica da aliança matrimonial, que faz coincidir endogamia de parentela e de grupo local, no nível do ideal: os afins devem estar ligados a priori como cognatos próximos, mas a dinâmica político-demográfica projeta fora do grupo local os consanguíneos não-ligados por alianças matrimoniais em vigência, transformando-os assim em afins potenciais, "reconsanguinizados" pelo casamento.

Esta distinção crucial entre o "próximo" e o "distante" - típica de sociedades onde a residência predomina sobre a descendência, a contiguidade espacial sobre a continuidade temporal, e toda uma concepção "horizontal" dos laços sociais sobre a verticalização das genealogias - pode atingir uma eminência absoluta, a ponto de neutralizar a marcação da afinidade (particularmente na geração 0, i.e. na dimensão "horizontal" por excelência). Isto geraria a feição havaiana de numerosos sistemas: todos os parentes nesta geração são "consanguinizados", mas em seguida se concebe o casamento como se dando entre "irmãos" distantes. A concepção sul-americana de que, idealmente e no plano local, a consanguinidade engloba a afinidade (de que a afinidade "deve ser" um caso particular da consanguinidade) exprime-se, portanto, de dois modos alternativos: nos sistemas "havaianos" ou naqueles que interditam a aliança bilateral "próxima", um afim é pensado como um consanguíneo distante; nos sistemas mais fiéis ao paradigma dravidiano, os consanguíneos distantes são classificados como afins potenciais.

A dialética próximo-distante exige assim um exame aprofundado, sobretudo se considerarmos que ela intervém criticamente na política matrimonial, diferenciando estratégias conforme posições de poder (Jívaro - Taylor, 1983) ou costurando laços inter-comunitários, servindo assim de substrato indutivo a estruturas sociais globais

(Yanomami - Albert, 1985); e ela articula imediatamente concepções cosmológicas gerais sobre o Mesmo e o Outro, o social e o natural, o interior e o exterior do socius.

(2) A oposição consanguíneo/afim, emblemática dos sistemas dravidianos (para a maioria de seus analistas, notadamente Dumont e, a seu modo, Trautmann), vai funcionar nos sistemas da Amazônia de um modo sui generis: segundo um regime concêntrico, potencialmente ternário, "não-booleano".

Observe-se, antes de mais nada, que a estrutura terminológica dos sistemas de "duas seções" ou dravidianos é essencialmente diametral, como o sugere aliás a própria representação usual em "diagramas de caixa" (box-type diagrams). Isto é, ela partilha exaustivamente o campo dos parentes em duas classes terminológicas (nas gerações centrais) equivalentes, "equistatutárias" (Dumont, 1983: 166-67) e sem terceira posição. O cálculo terminológico obedece a um "closure principle" analítico simples: consanguíneo de consanguíneo é consanguíneo, afim de afim é consanguíneo; consanguíneo de afim é afim, afim de consanguíneo é afim (CC=C, AA=C; CA=A, AC=A). Tal exaustividade diametral vale lá mesmo onde, na Índia do Sul, uma regra unilocal e unilinear diferencia, nas atitudes, duas espécies de consanguíneos - p.ex. entre os FBC e os MZC, "irmãos co-residentes co-linhageiros" e "irmãos dispersos" (Dumont, 1975: 53-55) <sup>7</sup>.

Ora, nos sistemas sul-americanos, a oposição consanguíneos/afins é concêntrica, no plano das atitudes e, eventualmente, no plano mesmo das categorias (ali onde se correlaciona "próximo:consanguíneo::distante:afim"). Os consanguíneos estão no centro do campo social, os afins na sua periferia, os inimigos no exterior. Ou antes: no centro deste campo estão os consanguíneos e afins cognatos co-residentes, todos concebidos sob o signo da consanguinidade (que no nível local engloba a afinidade); na periferia do campo estão os consanguíneos distantes e os afins potenciais/classificatórios, dominados pelo signo da afinidade potencial (que ali engloba a consanguinidade); no exterior estão os inimigos "efetivos" (distintos dos inimigos distantes e desconhecidos, franja lógica do sistema), categoria que fornece afins potenciais ou os recebe, como o segundo círculo recebe consanguíneos distantes e devolve afins reais.

Se no nível local a consanguinidade engloba a afinidade, no nível supra-local a afinidade engloba a consanguinidade, e, para além deste último, a afinidade é englobada (=definida, determinada) pela inimizade/exterioridade. É o parentesco como um todo que se vê, primeiramente englobado pela afinidade, finalmente subordinado à relação com o exterior. A classificação por gradiente do

campo social sobredetermina a estrutura diametral da terminologia (podendo contaminá-la de várias formas, por exemplo pelo uso de modificadores linguísticos especificando a natureza "próximo-real" ou "distante-classificatória" do parente, etc.), infletindo-a numa direção concêntrica e evidenciando a operação de englobamentos hierárquicos complexos, subordinando o parentesco a dimensões sócio-cosmológicas globais<sup>8</sup>.

Pode-se, numa primeira aproximação, explicar o concentrismo dos sistemas "dravidianos" do continente pela conjunção entre terminologias de duas seções e organizações cognáticas, de filiação indiferenciada, que se manifestam como parentelas densamente intrincadas em suas regiões centrais e que se vão adelgaçando na periferia: a classificação por gradiente seria assim característica de sistemas cognáticos. Sem prejuízo desta hipótese, vale entretanto notar que sistemas "unilineares" (ou tanto quanto possível na Amazônia) como o dos grupos Tukano também apresentam ordenações concêntricas do campo sócio-matrimonial (Arhem, 1981 a), além de um ternarismo superposto, terminologicamente, à estrutura dravidiana de base (ver nota 7 supra). A distinção radical, mesmo que metodológica, entre sistemas dravidianos cognáticos e unilineares, na Amazônia, parece-me (pace Dreyfus-Gamelon, 1987b) desnecessária e talvez equivocada.

Por fim, cabe reiterar uma distinção mencionada por J. Shapiro (1984: 7-8) entre aqueles sistemas dravidianos onde a dicotomia afins/consanguíneos está incluída em um universo mais amplo de relações sociais e aqueles onde ela esgota o campo social. O primeiro tipo parece-me exatamente o característico dos sistemas amazônicos, ao passo que o segundo se aproximaria da situação indiana (Good, 1981: 111). Mesmo ciente da dificuldade em se definir o que seja um universo social - o "universalismo" dos sistemas dravidianos na Índia se detém nas fronteiras da sub-casta, por exemplo -, e ainda da rigidez da distinção de Shapiro, que perde de vista os processos dinâmicos de afinização e consanguinização de "estranhos", inimigos ou afins potenciais, incorporo tal distinção para sublinhar a natureza englobada, incluída, do domínio do parentesco dentro de universos de relações sociais mais amplos, que o determinam. A ideologia endogâmica tão insistentemente mencionada pelos estudiosos dos grupos da Guiana, por exemplo, seria uma manifestação particularmente clara disto, se ela for corretamente analisada como a incidência local deste estado de coisas, isto é, como a percepção invertida de uma situação onde o parentesco não possui capacidade totalizadora do socius, detendo-se nas fronteiras do grupo local, fronteiras que entretanto não coincidem com os limites do campo social global.



(3) O concentrismo superimposto ao diametralismo da estrutura terminológica de base se desdobra em duas outras características: a presença determinante, no campo social, do que eu chamaria de "terceiros incluídos", posições que escapam da distinção entre consanguíneos e afins, total ou parcialmente, e que desempenham funções mediadoras cruciais; o funcionamento plural, múltiplo, das redes de aliança matrimonial, irredutíveis a qualquer dualismo morfológico de tipo "metades exogâmicas", o que traduz o ego-centrismo radical das terminologias de parentesco e sua não-funcionalidade na totalização dedutiva do campo social.

Quanto à primeira característica, chama a atenção a existência, na maioria das sociedades amazônicas, de papéis e relações institucionalizadas que se articulam de modo complexo com as categorias de parentesco: parceiros de troca comercial nas Guianas, os parceiros de partilha de cônjuges Araweté, os "amigos" e "amantes" xinguanos (E. Basso), os iniciadores Tukano... mas também os cativos de guerra Tupinambá, os afins classificatórios Yanomami, e, fora da área "dravidiana", os companheiros e amigos formais Jê, o substituto funerário Bororo... Todas estas figuras são passíveis de uma análise que defina uma teoria das relações de não-parentesco na América do Sul, que se poderiam também chamar de relações de amizade/inimizade formal (ver Viveiros de Castro, 1986: 435-37). Tais figuras e relações não são simplesmente definidas por sua exterioridade ao campo das relações de parentesco; ao contrário, elas se articulam a este campo de múltiplos modos: replicação metafórica, extensão metonímica, distribuição complementar, transcendência categorial... Ora, na maior parte dos casos, tais "relações de não-parentesco", que devem incluir as relações com os inimigos, articulam-se de modo estratégico, simbólico ou literal, às relações de afinidade. Pondo em poucas palavras uma hipótese que exige desenvolvimentos e testes, podemos dizer que as relações de amizade/inimizade formalizada na América do Sul são formas de reflexão sobre o problema da afinidade: elas são todas marcadas do ponto de vista da afinidade, positiva ou negativamente, e parecem operar como mediadoras que "ternarizam" a dicotomia simples consanguíneos/afins. Vários autores têm mostrado, a partir dos materiais mais variados, que a afinidade é a relação social estratégica na compreensão das estruturas sócio-cosmológicas sul-americanas. Para além da validade geral do postulado lévi-straussiano, que põe a afinidade como a relação propriamente instauradora da sociedade humana (mas não esqueçamos que Lévi-Strauss começou sua reflexão a partir de sua experiência de americanista), a afinidade na América do Sul surge, em primeiro lugar, como uma autêntica categoria, no sentido kantiano, isto é, como conceito a priori que organiza a totalidade da experiência cognitiva nestas sociedades, vindo a ser por vezes a categoria que

regula todo juízo sintético a priori: toda relação <sup>de</sup> ~~entre~~ entidades diferentes entre si é concebida sob a espécie da afinidade. Modelo do laço social, ela é mais que isso: ela é o modo de articulação das diferenças no universo, entre os homens, entre os homens e a natureza, entre os homens e os sobrenaturais. Em segundo lugar, entretanto, ela surge como problema: a afinidade é uma relação instável, moralmente ambígua, necessária e indesejável, perigosa e produtiva. Longe de ser um simples complemento lógico da categoria dos consanguíneos, dentro de um dualismo "equistatutário" dravidiano (ver nota 8 supra), a categoria dos afins abre-se à exterioridade, à guerra, à morte e ao mundo não-humano. Por isso a presença, em tantas cosmologias do continente, de fantasias sociológicas ou escatológicas que desmarcam, cancelam, abolem ou mascaram a afinidade (ver Overing Kaplan, 1981, [1973] 1984). É por isso também que ela surge metaforizada, negada ou mediada por estas figuras de "não-parentesco" que evocamos. Por isso, finalmente, que a afinidade potencial aparece como uma categoria tão importante em diversos sistemas de parentesco no continente. Muito pouco "dravidiana", a distinção entre afim efetivo e afim potencial possui grande rendimento sociológico em numerosas sociedades sul-americanas, particularmente naquelas onde a afinidade efetiva é englobada pela consanguinidade; a afinidade potencial aparecerá então como a afinidade em sua plena potência, e como a categoria que articula as relações intercomunitárias ou intersocietárias, isto é, como o nexos social mais global. Ela é o operador da abertura de um sistema de classificação centrípeto, localista, como o são os sistemas "dravidianos" da Amazônia; mas ao sê-lo, ela subordina este sistema à outras determinações. Termino este parágrafo com uma hipótese final sobre as figuras do "terceiro incluído" dentro dos supostos sistemas "dravidianos" da América do Sul: estas posições definiriam determinações específicas da categoria de afinidade potencial<sup>9</sup>.

A segunda característica mencionada é o regime disperso, pluralista, das redes de aliança matrimonial concretas na maioria das sociedades da Amazônia, isto é, a conjugação entre terminologias de "duas seções" e sistemas sociais "sem seções", sem segmentações dualistas que "poderiam/deveriam" acompanhar as terminologias binárias. Este é um problema clássico: a relação entre terminologias dravidianas e as organizações dualistas. Yalman e Dumont já haviam demonstrado a independência entre estes dois fenômenos; Dumont, em particular, distinguia os sistemas australianos (Kariëra) dos dravidianos exatamente pela ausência, nos segundos, de uma "fórmula global", isto é, de uma partição global da sociedade que estivesse manifesta na estrutura terminológica. O caráter totalizador dos sistemas dravidianos é então transferido, por este autor, para o plano do espírito (Dumont, 1971: 131-35; 1975: 100); ego-cêntrico em vez de socio-cêntrico como os sistemas australianos, o sistema dravidiano

totaliza a sociedade de um ponto de vista sempre local e relativo: ego.

"D'ou aussi le fait, bien conservé dans les groupes indiens, que les deux catégories des consanguins et des alliés comprennent tous les parents, sans tierce catégorie. On peut comprendre cela sans avoir recours à l'organisation dualiste; l'opposition entre consanguin et allié constitue un tout - l'allié de mon allié est mon "frère" -, le mariage est en un sens la totalité de la société, qu'il unit et en même temps sépare en deux du point de vue d'un Ego". (Dumont, 1975: 100)

Vê-se bem aqui como Dumont, buscando demonstrar a natureza supérflua da organização dualista para dar conta do "closure principle" dos sistemas dravidianos (CC=C, AA=C, CA=A, AC=A), isto é, a vigência do princípio do "terceiro excluído", procura manter o caráter totalizador destes sistemas localizando-o no ponto de vista de Ego. Trocando em miúdos: não há metades, a terminologia dravidiana não pressupõe ou gera metades exogâmicas, porque seu dualismo é egocêntrico e assim sociologicamente abstrato, relativo.

Já vimos como o princípio do terceiro excluído talvez possa ser posto em cheque, na paisagem sul-americana, a partir da existência de posições ambíguas, suplementares, que modalizam particularmente a categoria da afinidade. Veremos então como o princípio de fechamento nos "dravidianos" da América do Sul não funciona nem mesmo do ponto de vista de um Ego - e que, portanto, o casamento não é "a totalidade da sociedade", ou seja, que a dimensão do parentesco não possui capacidade dedutiva, analítica, de gerar o socius, mas que ela ao contrário define indutivamente um substrato empírico onde virão se instalar processos e relações de outra ordem.

A imensa maioria das sociedades "dravidianas" da América do Sul não apresenta metades exogâmicas. Mais ainda, não são adequadamente representadas, em sua estrutura de aliança matrimonial, pelos diagramas que se propõe mostrar a "lógica" da classificação dravidiana e a repetição do casamento com primos cruzados bilaterais que tal classificação engendraria (ver Good, 1981: 123-24 para uma crítica geral deste procedimento). Deve-se observar que, mesmo "do ponto de vista de um Ego", uma terminologia dravidiana necessariamente implicaria metades exogâmicas se a realidade demográfico-matrimonial correspondesse aos diagramas genealógicos que começam com dois casais de siblings que trocam irmãs e em seguida seus filhos (sempre dois casais) repetem a aliança bilateral. Tal não ocorre porque, "na prática", as alianças se fazem entre mais de dois grupos de siblings, que possuem mais de dois casais de irmãos e, sobretudo, porque estas alianças não respeitam o princípio de fechamento postulado para os sistemas dravidianos clássicos. Ou seja: ponhamos, em vez de dois

grupos de siblings a praticar a troca bilateral, três grupos, que devem ainda possuir um número maior que um de siblings de cada sexo. Imagine-se então que o grupo A alie-se bilateralmente com o grupo B, que passa assim a ser seu afim; em seguida, o grupo B troca irmãs com o grupo C, que passa assim a ser afim de B. Pelo "princípio de fechamento" dravidiano, C é ou se torna automaticamente consanguíneo de A, visto que afim de afim é consanguíneo. Acontece que alguns membros do grupo A decidem aliar-se também ao grupo C, que afinal não estava ligado "genealogicamente" a A - poderia ser um grupo recém-chegado na área -, e que era, até então, consanguíneo "classificatório" de A, devido a sua aliança com os afins de A, o grupo B. Ao estabelecer a aliança, cria-se a situação onde A, B e C estão em relações de afinidade mútua, bilateral, de tal forma que para alguns membros de A, os de C continuam a ser consanguíneos, mas para outros (os que se aliaram diretamente a eles), são afins. E então temos a situação onde afim de afim pode ser perfeitamente também um afim. Ao se generalizar esta situação, e ao se introduzir uma sociedade completa, com vários grupos de siblings numerosos e intrincadamente ligados por alianças múltiplas, percebe-se que a capacidade preditiva do cálculo "booleano"  $CC=C$ ,  $AA=C$ , etc. perde qualquer eficácia, e o "ponto de vista de Ego" poderá mesmo variar no tempo e no contexto: ora aquela mulher é um afim potencial, ora uma consanguínea...

Se acrescentarmos que, nestas sociedades numericamente restritas, com uma alta taxa de endogamia, as múltiplas vias possíveis para se traçar uma relação com Alter introduzem uma elevada intransitividade no sistema de cálculo de relações, aumentada ainda pelo fato de que cada casamento singular não corrige necessariamente todas as relações deslocadas terminologicamente por ele, teremos uma intransitividade e imprevisibilidade generalizada, bem distante do cálculo e dos ajustamentos automáticos da prescritividade categorial dravidiana. Um bom exemplo analítico desta situação pode ser visto em Ramos & Albert, 1977: 81-83, para os Yanomam (sub-grupo Yanomami), e ainda entre os Waimiri-Atroari (Márcio Silva, pesquisa em curso).

O que temos aqui é algo semelhante, mas para o caso dos sistemas de "troca restrita" (o que é inédito), àquilo que Leach ([1951] 1974) e Needham (1958) demonstraram para os sistemas de "troca generalizada": as "categorias estruturais" (substituo aqui "grupo" por "categoria", para maior adequação à situação sul-americana), isto é, as categorias terminológicas, devem ser cuidadosamente distinguidas das "categorias locais", isto é, a multiplicidade de parentelas ou grupos de siblings (que são, no continente, o esqueleto das parentelas) que efetivamente entram em redes de aliança matrimonial; mais ainda, que os grandes ciclos do modelo terminológico quebram-se efetiva e necessariamente em vários ciclos locais, não necessariamente consistentes com o macro-ciclo do modelo teórico - e tudo isto sem

destruir o princípio mais global, a saber, a troca assimétrica. No caso dos sistemas bilaterais sul-americanos que funcionam em redes múltiplas de aliança, dá-se o mesmo: apenas, fica evidente que o princípio da aliança simétrica não pode funcionar, nesta paisagem de múltiplos "grupos" ou parentelas ligados de um modo "não-booleano", como fórmula de totalização da estrutura social, e a fortiori como correlato ou gerador de segmentações dualistas globais.

A forma de funcionamento da aliança simétrica no continente justifica então a aproximação desta estrutura de troca matrimonial daquelas que foram definidas por Lévi-Strauss como incapazes de produzirem uma fórmula global, como "formas anãs" da reciprocidade, egoístas e involutivas: o casamento patrilateral e o casamento com a filha da irmã - formas cuja grande difusão na América do Sul, normalmente associadas a uma base terminológica "dravidiana", reforça tal aproximação<sup>10</sup>. Com efeito, vale registrar uma constatação: dentre a pletora de formas terminológicas e matrimoniais encontráveis no continente, são raríssimos os casos de preferência matrilateral, sobretudo na "área dravidiana" (Sirionó, Txicão, Maxakalí; ver também os curiosos casos Mapuche e Suyá, em sistemas "Omaha"). E nenhum deles se aproxima sequer das formas de "troca generalizada" com "conúbio circulante" da Ásia do Sudeste. A intuição lévi-straussiana parece valer (mesmo se exprimida de modo negativo): na América do Sul predominam as estruturas curtas de reciprocidade, mas entre estas deve se incluir a "troca restrita" dos sistemas dravidianos da Amazônia. Isto significa que a troca restrita (aliança simétrica) é aqui concebida e praticada como fórmula local, e mais que isso, como operador de fechamento do campo social (endogamia de parentela), não como mecanismo de integração dedutiva, "mental" ou "morfológica", da sociedade global. Isto foi especificamente observado em alguns casos concretos (Kracke, 1984): e mesmo a suposta vigência de sistemas de fórmula global na área de "duas seções", como é o caso do estilo "kariera" dos Pano, talvez possa ser explicada por fatores locais, por uma inusitada passagem linear do local ao global: as seções poderiam ser o resultado da aplicação mecânica de uma fórmula local, egocêntrica, de nominação, e não um pressuposto global (Erikson, 1987). Tal conclusão deveria então ser extrapolada e articulada às atitudes mais gerais, à filosofia social dos povos do continente. A tentativa de se evitarem assimetrias entre doadores e tomadores de esposas, nunca completamente bem-sucedida mesmo com a aliança simétrica; a desconfiança para com os casamentos não-imediatamente reciprocados, que gera o avunculato, a preferência patrilateral e a troca simétrica vista como ciclo curto e local; a ambiguidade da posição dos afins, a simbologia canibal que envolve a afinidade, o imaginário de um mundo sem afins que parece obcecar tantas destas sociedades - tudo isto sugere um mundo social onde a aliança fecha

o campo social em vez de abrí-lo, deixando portanto a outros processos que o casamento a tarefa de construir "a totalidade da sociedade", processos que, tomando como apoio simbólico figuras da afinidade, extravazam-na de muito: a guerra, os circuitos funerários, o xamanismo, estes são os domínios onde efetivamente se tecem as relações sociais verdadeiramente globais. A passagem do nível local para o nível global será assim não-linear, e a natureza indutiva da generalização efetuada pelas redes de aliança intercomunitárias, redes que se tecem sobre os pontos mais tênues - as poucas alianças extra-locais que todo grupo é forçado a fazer - não fornece senão um substrato para totalizações dedutivas feitas a partir de outros processos e outros fluxos.

### Plano

Formulados de maneira rápida, sintética e um tanto abstrata, estas são as questões que deverão guiar minha pesquisa no período previsto. Deverão ser cuidadosamente aprofundadas, a partir da leitura minuciosa do enorme material bibliográfico disponível, e que não inclui somente as monografias sobre sistemas de parentesco, mas também o discurso mitológico, a arte, e todo material onde se possam encontrar elementos desta filosofia sul-americana da sociedade, a que a dimensão do parentesco está subordinada.

No segundo semestre de 1988, deverei ministrar um curso avançado (doutorado) para o grupo de alunos-pesquisadores do PPGAS do Museu Nacional sob minha orientação, onde darei a forma final das questões e hipóteses aqui abreviadas. O primeiro semestre de 1988 está tomado por minhas obrigações de ensino, pois ministrei dois cursos no PPGAS: Teoria Antropológica I (mestrado), onde analisarei a noção de reciprocidade na história da antropologia, a partir do Essai sur le don; e uma "Introdução à obra de Lévi-Strauss" (mestrado e doutorado). Embora não imediatamente ligados ao presente projeto, tratam de temas e autores de presença fundamental no interior das questões que esbocei aqui. No final do presente ano, devo retornar aos Araweté, dando seguimento à minha segunda fase de pesquisa de campo entre eles, quando já passei o mês de fevereiro do corrente lá, começando o trabalho sobre o sistema de parentesco Araweté. A partir de março de 1989, planejo viajar a Paris e ali reunir o material restante sobre o tema, debater minhas questões e hipóteses com os colegas franceses já mencionados - planejando ainda algumas visitas a Londres para discutir com Peter Rivière e Joanna Overing -, e, até o mês de dezembro, ter pronto o livro ou conjunto de artigos que trarão os resultados desta pesquisa. Em 1990, além de apresentar estes resultados nos cursos do PPGAS e em conferências, pretendo mais uma vez retornar aos Araweté para a pesquisa etnográfica em profundidade de um caso.

NOTAS

(1) Ver Ortner, 1984, para um balanço das questões teóricas da antropologia desde os anos '60.

(2) Ver Viveiros de Castro, 1985, para uma avaliação da empresa lévi-straussiana no contexto do americanismo.

(3) Murdock (1960: 8) chegou mesmo a propor um "tipo Caribe" de sistema social, que reuniria formas "transicionais" entre sistemas cognáticos e unilineares, indicando sua grande difusão na América do Sul. Mas este tipo incluiria, por exemplo, os cingaleses de Pul Eliya.

(4) A presença dos povos de língua Jê e Bororo nas EEP remete a outro conjunto de questões - todas elas, aliás, deslocadas pelo progresso da etnologia regional e/ou mal resolvidas por Lévi-Strauss.

(5) Tenho mantido, ainda, contatos regulares com Peter Rivière (Oxford) e Joanna Overing (London School of Economics), os quais vêm acompanhando o desenvolvimento do projeto aqui exposto. A correspondência com P. Rivière tem sido particularmente valiosa.

(6) Não menos "a-típicos" (ou a-tipológicos) são os sistemas de parentesco rotulados de "Crow-Omaha" do continente. Sobre apresentarem justamente, em numerosos casos, traços de ambos estes tipos (Crow e Omaha), operam também em muitos casos na ausência de qualquer organização linhageira palpável; parecem resultar de regras de transmissão onomástica (mas isto não é geral, nem explica tudo dos sistemas que apresentam tal característica); e podem estar associados a regras positivas de aliança. O universo pseudo-CrowOmaha da América do Sul é outra área a ser explorada, uma vez enfrentada a questão dos sistemas "dravidianos". A contribuição mais sólida sobre os sistemas "semi-complexos" (Héritier, 1981) parece pouco fecunda na paisagem sul-americana.

(7) O que evoca de perto a oposição - aqui terminológica, a nível de grupo/categoria coletiva - Tukano entre os irmãos de um grupo de descência local, agnático, e os "filhos de mãe", que são afins de afins, "irmãos" antagonistas que competem pelas mulheres de um mesmo grupo exogâmico (Hugh-Jones, 1979: 80-ss). Eles formam

uma categoria essencialmente ambígua, pois tratam-se de afins potenciais que entram entretanto em relação de afinidade com os afins do grupo de Ego.

(8) É interessante notar como Dumont (1983: 166-68), o paladino da hierarquia na Índia e alhures, encontra na Índia dravidiana uma "ilha de igualdade": a oposição consanguinidade/afinidade nos sistemas dravidianos é "equistatutária", a afinidade possui um valor igual ao da consanguinidade; não há englobamentos hierárquicos entre os pólos (ver tb. op.cit., p.vii). Minha hipótese traz a idéia dumontiana da hierarquia e do englobamento do contrário exatamente para dentro do universo "dravidiano", mas na América do Sul. Isto definiria uma diferença crucial com a paisagem indiana, se válido. Outro ponto a acrescentar, é que nos sistemas sul-americanos, não só se verifica o englobamento da consanguinidade pela afinidade no plano inter-comunitário (ao passo que no nível local é o inverso que tem lugar), como a afinidade ela mesma - e através dela o domínio do parentesco como um todo - se vê englobada pelas relações com o exterior, cujo paradigma de base é a guerra. O valor estratégico e problemático da afinidade nos sistemas sul-americanos derivaria assim da posição mediadora da afinidade dentro de uma estrutura hierárquica complexa.

(9) Evidentemente, a inspiração para esta questão deriva de minha experiência com os povos Tupi-Guarani, onde o estatuto de "anti-afim" dos cativos de guerra Tupinambá ou dos parceiros conjugais Araweté deixa muito clara a relação entre as amizades/inimizades formais e a simbólica da afinidade. Mas entre os Jê, por exemplo, não fica menos evidente a duplicação metafórica da oposição consanguíneo/afim na dupla companheiro/amigo formal (Carneiro da Cunha, 1979). O caso Jê é sobretudo interessante nesta conexão de idéias, pois ali a articulação entre estas relações de "não-parentesco" e o campo do parentesco é indireta (metafórica), exigindo o que poderíamos chamar, com Lévi-Strauss, de "dedução transcendental" para ser estabelecida (ver, p.ex., o procedimento de Carneiro da Cunha, 1978, para propor a equação "afim=morto=amigo formal"). Sucede que os Jê, dotados de segmentações binárias globais ao nível cerimonial, concebem o domínio do parentesco em termos também de gradientes, ao modo dos sistemas "cognático-dravidianos" da Amazônia; por isso mesmo, isolariam este domínio da área de vigência das oposições diametrais, descontínuas e binárias: a famosa disjunção entre as esferas pública e doméstica entre os Jê do Norte (Matta, 1976). Note-se, entretanto, que à medida que se desce dos Jê do Norte para os povos mais meridionais, há como que um "recolamento" dos planos do parentesco e da organização cerimonial, ficando então evidente



uma solução metonímica, de continuidade entre os "terceiros incluídos" e a esfera do parentesco, particularmente a posição de afinidade. Ver, p.ex., os Panara (Schwartzman, 1988), onde os primos paralelos patrilineares, pais dos cônjuges prescritos terminologicamente, estão na relação jocosa característica do complexo da amizade formal nos Jê do Norte; ~~em~~ os Bororo, onde afinidade, amizade funerária e díades iniciatórias seguem as mesmas linhas do dualismo exogâmico.

(10) Não se trata apenas de seguir a lição de Needham (1958<sup>b</sup>, ver ainda Maybury-Lewis, 1965; Fox, 1967; Barnard & Good, 1984: 100), resultado de uma análise puramente formal, quanto à redutibilidade do casamento patrilinear à troca bilateral. Ao contrário, o interessante para o caso sul-americano é "reduzir" a aliança simétrica tal como aqui concebida/praticada à "filosofia" do casamento patrilinear segundo Lévi-Strauss: a troca simétrica aqui teria os mesmos efeitos de fechamento, de não-totalização, que o casamento com a FZD. De outro lado, a hoje famosa constatação formal de que o casamento regular com a ZD implica a equação  $ZD=MBD$  pode sugerir que os raros casos de prescrição terminológica matrilinear, no continente, nada têm a ver com a "troca generalizada" lévi-straussiana, mas poderiam ser derivações históricas da muito mais difundida norma avuncular (ver a releitura dos dados Sirionó por Wordick, 1975).

BIBLIOGRAFIA

ALBERT, Bruce

- 1985 - Temps du sang, temps des cendres: représentation de la maladie, système rituel et espace politique chez les Yanomami du sud-est (Amazonie brésilienne). Tese de doutorado, Université de Paris-X (Nanterre).

ARHEM, Kaj

- 1981 - Makuna Social Organization. Uppsalla Studies in Cultural Anthropology, 4, Acta Universitatis Upsaliensis. Stockholm: Almqvist & Wiksell International.

- 1981a - Bride-capture, sister-exchange and gift marriage among the Makuna: a model of marriage exchange. Ethnos, 1-2: 47-63.

BARNARD, Alan & Anthony GOOD

- 1984 - Research Practices in the Study of Kinship. ASA Research Methods in Social Anthropology, 2. London: Academic Press.

BARRAUD, Cecile; Daniel de COPPET; André ITEANU; Raymond JAMOUS

- 1984 - Des relations et des morts: quatre sociétés vues sous l'angle des échanges. In: J.-C. Galey, org., Différences, valeurs, hiérarchies: textes offerts à Louis Dumont. Paris: Ed. de l'EHESS. Pp.421-520.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela

- 1978 - Os mortos e os outros. São Paulo: Hucitec.
- 1979 - De amigos formais e pessoa; de companheiros, espelhos e identidades. Boletim do Museu Nacional, N.S. Antropologia n. 32: 31-39.

COLLIER, Jane & Michelle ROSALDO

- 1981 - Politics and gender in simple societies. In: S. Ortner & H. Whitehead, orgs., Sexual Meanings. Cambridge: at the University Press. Pp. 275-329.

COLSON, Audrey Butt & H. Dieter HEINEN (orgs.)

- 1983/1984 - Themes in political organization: the Caribs and their neighbours. Anthropologica 59/62. Caracas: Fundación La Salle.

DREYFUS-GAMELON, Simone

- [1976]1977 - Note sur l'espace des relations sociales et la structure de parenté: propositions pour un modèle sud-américain de l'alliance symétrique. Actes du XLIIe Congrès International des Américanistes, vol. II: 379-385.

- 1987a - Note sur le séminaire "Théorie de la parenté et systèmes dravidiens amérindiens" de l'EHESS. Paris: EHESS, datil.

- 1987b - Os chamados sistemas dravidianos em relação com a teoria estrutural do parentesco. Campinas, datil.

DUMONT, Louis

- 1971 - Introduction à deux théories d'anthropologie sociale. Paris: Mouton.
- 1975 - Dravidien et Kariera: l'alliance de mariage dans l'Inde du Sud et en Australie. Paris: Mouton.
- 1983 - Affinity as a Value: Marriage Alliance in South India, with Comparative Essays on Australia. Chicago: at the University Press.

ERIKSON, Philippe

- 1987 - L'Onomastique Matis est-elle amazonienne? Comunicação ao simpósio "Pesquisas recentes em etnologia e história indígena da Amazônia", ABA/ANPOCS, Belém, dezembro 1987.

FOX, Robin

- 1967 - Kinship and Marriage. Middlesex: Penguin Books.

GOOD, Anthony

- 1981 - Prescription, preference and practice: marriage patterns among the Kondaiyankottai Maravar of south India. Man, 16 (1): 108-129.

GREGOR, Thomas

- 1977 - Mehinaku: The Drama of Daily Life in a Brazilian Indian Village. Chicago: at the University Press.

HERITIER, Françoise

- 1981 - L'Exercice de la parenté. Paris: Gallimard/Le Seuil.

HORNBORG, Alf

- 1986 - Dualism and Hierarchy in Lowland South America: Trajectories of Indigenous Social Organization. Tese de doutorado, Uppsala University.

HUGH-JONES, Christine

- 1979 - From the Milk River: Spatial and Temporal Processes in Northwest Amazonia. Cambridge: at the University Press.

JACKSON, Jean

- 1977 - Bara 0-generation terminology and marriage. Ethnology XVI (1): 83-104.
- 1983 - The Fish People: Linguistic Exogamy and Tukanoan Identity in Northwest Amazonia. Cambridge: at the University Press.

- [1973] 1984 - Vaupés marriage practices. In: K. Kensinger, org., Marriage Practices in Lowland South America. Illinois Studies in Anthropology 14. Urbana: University of Illinois Press. Pp. 156-179.

KENSINGER, Kenneth (org.)

1984 [1973] - Marriage Practices in Lowland South America. Illinois Studies in Anthropology, 14. Urbana: University of Illinois Press.

KENSINGER, Kenneth & David THOMAS (orgs.)

1977 - Social Correlates of Kinship Terminology. Working Papers on South American Indians 1. Bennington: Bennington College.

KIRCHOFF, Paul

1932 - Die Verwandtschaftsorganisation der Urwaldstämme Südamerikas. Zeitschrift für Ethnologie LXIII: 85-193.

1933 - Verwandtschaftsbezeichnungen un Verwandtenheirat. Zeitschrift für Ethnologie, LXIV: 41-71.

KRACKE, Waud

[1973] 1984 - Kǝwahiv moieties: form without function? In: K. Kensinger, ed., Marriage Practices in Lowland South America. Illinois Studies in Anthropology, 14. Urbana: University of Illinois Press.

KUPER, Adam

1982 - Lineage theory: a critical retrospect. Annual Review of Anthropology, 11:

LEACH, Edmond

[1951] 1974 - As implicações estruturais do casamento com a prima cruzada matrilateral. In: Repensando a Antropologia. São Paulo: Perspectiva. Pp.89-160.

LÉVI-STRAUSS, Claude

1943 - The Social use of kinship terms among Brazilian Indians. American Anthropologist, 45: 398-409.

[1949] 1967 - Les Structures élémentaires de la parenté. Paris: Mouton (2a. ed.).

1984 - Paroles données. Paris: Plon.

MATTA, Roberto da

1976 - Um Mundo dividido: a estrutura social dos Apinayé. Petrópolis: Vozes.

MAYBURY-LEWIS, David

1960 - Parallel descent and the Apinayé anomaly. Southwestern Journal of Anthropology, 16:191-216.

1965 - Prescriptive marriage systems. Southwestern Journal of Anthropology, 21: 207-228.

MORGAN, Lewis H.

1871 - Systems of Consanguinity and Affinity of the Human Family. Smithsonian Contributions to Knowledge, 17. Washington: Smithsonian Institution.

MURDOCK, George P.

- 1949 - Social Structure. New York: The Free Press.
- 1960 - Cognatic forms of social organization. In: G. P. Murdock, org., Social Structure in Southeast Asia. Viking Fund Publications in Anthropology, 29. Chicago: Quadrangle. Pp. 1-14.

NEEDHAM, Rodney

- 1958a - A Structural analysis of Purum society. American Anthropologist, 60: 75-101.
- 1958b - The Formal analysis of prescriptive patrilineal cross-cousin marriage. Southwestern Journal of Anthropology, 14: 199-219.
- 1971 - Remarks on the analysis of kinship and marriage. In: R. Needham, org., Rethinking Kinship and Marriage. ASA Monographs, 11. London: Tavistock.

ORTNER, Sherry

- 1984 - Theory in anthropology since the sixties. Comparative Studies of Society and History, 26 (1): 126-166.

OVERING KAPLAN, Joanna

- 1975 - The Piaroa, a people of the Orinoco basin. Oxford: at the University Press.
- 1981 - Review article: Amazonian anthropology. Journal of Latin American Studies, 13 (1): 151-164.
- [1982] 1983/1984 - Elementary structures of reciprocity: a comparative note on Guianese, Central Brazilian, and North-West Amazon sociopolitical thought. Anthropologica 59/62: 331-348.
- [1973] 1984 - Dualism as an expression of difference and danger marriage exchange and reciprocity among the Piaroa of Venezuela. In: K. Kensinger, org., Marriage Practices in Lowland South America. Illinois Studies in Anthropology, 14. Urbana: University of Illinois Press. Pp. 127-155.

OVERING KAPLAN, Joanna (org.)

- [1976] 1977 - Social time and social space in Lowland Southamerican societies. Actes du XLIIe Congrès International des Américanistes, vol.II: 7-394.

RAMOS, Alcida & Bruce ALBERT

- [1976] 1977 - Yanoama descent and affinity: the Sanumá/Yanomam contrast. Actes du XLIIe Congrès International des Américanistes, vol.II: 71-90.

RAMOS, Alcida & Kenneth TAYLOR

- 1975 - Alliance or descent: some Amazonian contrasts. Man 10 (1): 128-30.

RIVIÈRE, Peter

- 1969 - Marriage among the Trio: a principle of social organisation. Oxford: Clarendon Press.
- 1973 - The Lowland South America culture area: towards a structural definition. Comunicação ao 72nd. Annual Meeting of the American Anthropological Association, New Orleans.
- [1972] 1977 - Some problems in the comparative studies of Carib societies. In: E. Basso, org., Carib-Speaking Indians: Culture, Society and Language. Anthropological Papers of the University of Arizona, 29. Tucson: The University of Arizona Press. Pp.39-42.
- 1984 - Individual and Society in Guiana: a comparative study of Amerindian social organisation. Cambridge: at the University Press.

SAHLINS, Marshall

- 1985 - Islands of History. Chicago: at the University Press.

SCHEFFLER, Harold & Floyd LOUNSBURY

- 1971 - A Study in Structural Semantics: the Siriono kinship system. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.

SCHNEIDER, David M.

- 1972 - What is kinship all about? In: P. Reining, org., Kinship Studies in the Morgan Centennial Year. Washington: The Anthropological Society of Washington. Pp.32-63.
- 1984 - A Critique of the Study of Kinship. Ann Arbor: The University of Michigan Press.

SCHWARTZMAN, Stephen

- 1988 - The Panara of the Xingu National Park. Tese de doutorado, University of Chicago.

SEEGER, Anthony; Roberto da MATTA & E. VIVEIROS DE CASTRO

- [1978] 1979 - A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. Boletim do Museu Nacional, N.S. Antropologia 32: 2-19.

SHAPIRO, Judith

- 1974 - Alliance or descent: some Amazonian contrasts. Man 9 (2): 305-306.
- 1975 - Alliance or descent: some Amazonian contrasts. Man 10 (4): 624-625.
- 1984 [1973] - Marriage rules, marriage exchange, and the definition of marriage in Lowland South American societies. In: K. Kensinger, org., Marriage Practices in Lowland South America. Illinois Studies in Anthropology, 14. Urbana: University of Illinois Press. Pp. 1-32.

SHAPIRO, Judith & Kenneth KENSINGER (orgs.)

- 1985 - The Sibling relationship in Lowland South America. Working Papers on South American Indians, 7. Bennington: Bennington College.

STRAHERN, Marylin

- 1984 - Marriage exchange: a Melanesian comment. Annual Review of Anthropology, 13: 41-73.
- 1985 - Kinship and economy: constitutive orders of a provisional kind. American Ethnologist, 12 (2): 191-209.

TAYLOR, Anne-Christine

- [1982] 1983 - The Marriage alliance and its structural variations in Jivaroan society. Social Science Information, 22 (3): 331-353.
- 1984 - L'Américanisme tropical: une frontière fossile de l'ethnologie? In: B. Rupp-Eisenreich, org., Histoires de l'anthropologie: XVI-XIX siècles. Paris: Klincksieck. Pp. 213-233.

TRAUTMANN, Thomas

- 1981 - Dravidian Kinship. Cambridge: at the University Press.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo

- 1978 - Alguns aspectos do pensamento Yawalapíti (Alto Xingu): classificações e transformações. Boletim do Museu Nacional, N.S. Antropologia 26.
- 1985 - Etnografia e modelos analíticos: tipos de estrutura social na Amazônia meridional. Projeto PPGAS/FINEP, datil.
- 1986 - Araweté: os deuses canibais. Rio de Janeiro: J. Zahar/ANPOCS.
- 1987 - Sociedades minimalistas: a propósito de um livro de Peter Rivière. Anuário Antropológico 85: 265-282.

WORDICK, Frank

- 1975 - Review article: Siriono kinship terminology. International Journal of American Linguistics, 41 (3): 242-285.

YALMAN, Nur

- 1962 - The Structure of the Sinhalese kindred: a re-examination of the Dravidian terminology. American Anthropologist, 64: 548-575.

Addenda

LARAIA, Roque

- [1972] 1986 - Tupi: índios do Brasil atual. São Paulo: FFLCH/Universidade de São Paulo.

Lu, 20/03/88 E. L. L.